

12 FEV 1995

GAZETA MERCANTIL — Sexta-feira, 10 de fevereiro

Legislação trabalhista

Fernando Henrique tem mais problemas com aliados do que com adversários

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem tido mais problemas com seus aliados, inclusive os próprios ministros, do que com os adversários. Só nesta semana, ele puxou a orelha dos ministros da Justiça, Nelson Jobim, e da Educação, Paulo Renato de Souza; reclamou do sistema de comunicação social; intermediou desavenças na área econômica em torno da questão tributária e agüentou o mau humor do governador de São Paulo, Mário Covas.

• Jobim desagradou o presidente e os colegas de ministério, por ter enviado ao PT uma proposta de emenda constitucional na área de telecomunicações

diferente do que estava combinado com seu colega da área, Sérgio Mota. Pressionado, disse que não mandou a emenda — que o PT comprovou ter recebido do fax do seu gabinete — e acabou sendo obrigado a mudar o texto. Na quarta-feira, Fernando Henrique chamou-o ao Palácio do Planalto, enquanto aliados de todos os matizes criticavam nele a “inabilidade política”.

• Paulo Renato foi responsável pelo texto que o presidente leu em seu segundo pronunciamento à Nação depois da posse. Fernando Henrique não gostou da versão original e telefonou para seu ministro da Educação: “Você quer que eu vá para a televisão dizer abobrinhas? Precisamos de coisas mais

concretas”, cobrou. Na versão final, entretanto, pouca coisa mudou, além da referência aos salários dos professores.

• No mesmo pronunciamento, o sistema de comunicação do governo se esqueceu de que a peça era, simultaneamente, para a televisão e o rádio. Assim, os telespectadores assistiram ao vídeo colorido, mas os ouvintes de rádio pouco entenderam do áudio correspondente.

• Na questão tributária, diante de um consenso cada vez menos provável dentro de sua própria equipe, Fernando Henrique radicalizou: reduziu o núcleo de discussões aos ministros de primeira linha, ou seja, os mais chegados a ele, e praticamente ficaram excluídos os técnicos. A reforma,

sempre alardeada como essencial ao êxito do governo, deve ficar para depois.

• No caso de Covas, o tropeço foi do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do presidente do Banco Central, Pêrsio Arida. Malan reagiu tecnicamente ao tratar de empréstimos externos para as obras do rio Tietê e das microbacias do estado, alegando que o estado estava na lista dos inadimplentes e usando um procedimento estritamente formal: “Vou mandar estudar a questão”. Arida é acusado de deixar vaziar para a imprensa que o Banespa será privatizado. Covas, que não gosta da solução, reagiu cancelando um jantar com o próprio presidente da República, na terça-feira passada.